

Trajetórias da sociologia

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA

N

os últimos anos, os estudos produzidos na área da sociologia da cultura no Brasil alcançaram volume e densidade, justificando a realização de um balanço que compreenda, simultanea-

mente, um mapeamento do campo segundo recortes temáticos privilegiados e um esclarecimento sobre tendências relevantes manifestas no interior da especialidade. Sem a pretensão de exaurir todos os problemas subjacentes a considerações dessa natureza, esta reflexão escande trajetórias analíticas exemplares, referentes ao estado atual da sociologia da cultura no país, perseguindo caminhos que tracejam orientações emblemáticas. É possível questionar, reversamente, o próprio estatuto dos estudos sobre a cultura no espaço da sociologia, uma vez que, comumente, o tratamento dos temas transborda os limites disciplinares. As interrogações sobre os fundamentos culturais da vida coletiva encerram, pois, um quadro amplo de perguntas, mais do que respostas pacificamente compartilhadas.

No elenco multifacetado das reflexões correntes na área, os estudos sobre a história da vida intelectual adquiriram especial relevo (1). Aparentados da tradicional história das idéias, estes estudos

1 Sergio Miceli realizou um balanço da história intelectual no Brasil. Cf. "Intelectuais Brasileiros", in Sergio Miceli (org.), *O que Ler na Ciência Social Brasileira (1970-1995)*, Sociologia, vol. II, São Paulo, Sumaré/Anpocs, 1999, pp. 109-46. Também Lúcia Lippi Oliveira realizou um mapeado do campo. Cf. "Interpretações sobre o Brasil", in idem, pp. 147-82.

MARIA ARMINDA DO NASCIMENTO ARRUDA é professora do Departamento de Sociologia da FFLCH-USP e autora de, entre outros, *Mitologia da Mineiridade*, *O Imaginário Mineiro na Vida Política e Cultural do Brasil* (Brasiliense).

da cultura no Brasil: os anos recentes

percorreram assuntos já visitados a partir de visões renovadas, introduzindo novos enfoques e recortes temáticos. As análises sobre um autor, sobre uma geração, ou mesmo sobre um conjunto expressivo de obras têm se cumprido de modo que o foco da atenção incida sobre problemas diretamente afeitos à construção das linguagens, destacando as experiências sociais inteiramente envolvidas com a produção das obras de cultura.

Segundo essa perspectiva, o vínculo entre as expressões culturais e a sociedade é estabelecido de modo a atribuir precedência à primeira, erigindo-as em critério privilegiado do

tipo de compreensão que se almeja. Resulta, dessas observações, admitir que a compreensão sociológica sobre a cultura convive com a presença de outras disciplinas no seu terreno de reflexão e, ao mesmo tempo, compartilha, na sua própria área, com abordagens igualmente legítimas e esclarecedoras. Diferentemente de trabalhos cuja visão da sociologia é referência incontestável – a exemplo dos estudos sobre estrutura social, ou processos de trabalho – as abordagens culturais não podem dispensar, ou pelo menos deixar de reconhecer, contribuições essenciais urdidas em investigações provenientes de outros campos. O discurso

interdisciplinar acentua-se, o que vem a alterar a própria demarcação de fronteiras. Em função dessa característica, os estudos sociológicos da cultura, principalmente quando tratam das formas artísticas, deixam “de ser uma sociologia-fim para se tornar uma sociologia-método” (2). O essencial nesse tipo de abordagem diz respeito à conduta da análise ampliando as exigências voltadas ao tratamento das obras, uma vez que certos procedimentos escapam do núcleo central da tradição sociológica. Por isso, é decisivo desvelar as dimensões coletivas através da linguagem, o que significa “penetrar nos aspectos os mais difíceis e obscuros do social” (3).

Não pretendo, com isso, afirmar que a sociologia da cultura seja uma especialidade disciplinar mais complexa que outras, ou mesmo mais nobre, afirmação inaceitável, após as análises de Elias e Bourdieu (4). O que se quer afirmar é que o domínio da forma, especialmente no que tange ao caso das artes, impõe certos requisitos à compreensão, pois sua relação com o social já se faz de modo mediado. Por essa razão, o enfoque sociológico não se constituiu “como critério único, ou mesmo preferencial” (5), pois ele é apenas uma das possibilidades de tratamento, embora possa ser fecundo. Os limites da reflexão devem ser imediatamente assumidos, uma vez que são inerentes a qualquer atividade intelectual, dado o seu caráter de construção. Interessa, pois, perceber certas modalidades da reflexão sociológica da cultura no Brasil, a partir de obras pontuais mas exemplares, tendo em vista delinear tendências, muito mais do que avaliar o conjunto dos estudos. As discussões em torno da existência de uma sociologia da cultura no Brasil pressupõem o reconhecimento de que a disciplina encontra-se institucionalizada entre nós e, correlatamente, que diversas especialidades ao mesmo tempo convivem e se diferenciam. O entendimento desse processo particular alimenta-se de uma conjunção de requisitos.

Nesse processo, as reflexões dos sociólogos brasileiros sobre a cultura cresceram do ponto de vista quantitativo e multiplica-

ram-se do ângulo da diversidade temática, construindo um veio importante de discussão. O desenvolvimento das ciências sociais no Brasil, principalmente nos centros mais produtivos, fez-se de modo bastante diferenciado, acentuado pela institucionalização da pós-graduação, a partir dos anos 70 (6). A sociologia da cultura sofreu o impacto do crescimento global da disciplina, sendo tributária desse novo perfil, e da dinâmica assumida pela área no seu conjunto. Ao lado dessas transformações, frutificaram os exames críticos sobre os paradigmas assentados – o legado do pensamento clássico –, atitude que não é exclusividade nossa, pois em larga medida fomos caudatários da rediscussão empreendida fora do Brasil, mas que acabaram significativamente a maneira de pensar os problemas, desembocando na assimilação de novas abordagens que ganham força no período: abordagens mais abrangentes, como as formuladas por Elias, Bourdieu, Foucault, Habermas e mesmo Giddens; ou as concepções desconstrutivistas exemplificadas em textos de autores denominados pós-modernos, como Lyotard, Maffesoli e Baudrillard. É nessa confluência entre a institucionalização e o repensar das orientações assentadas que parece se inscrever a particularidade do desenvolvimento das ciências sociais nos anos recentes. Isto é, as ciências sociais, ou pelo menos a sociologia, se institucionalizaram, mas num quadro de fluidez teórica, mesmo quando o estruturalismo começava a ser posto em questão. A particularidade do caso brasileiro revelou-se ainda mais complexa, sobretudo quando averiguamos os problemas interpostos pelo contexto autoritário que passou a exigir respostas globais, ao qual se acoplaram questões sociais emergentes, nutridas no curso das transformações. O panorama, visto hoje, produz um quadro de perplexidades, pois tratava-se de institucionalizar um conhecimento, no momento em que as referências encontravam-se nubladas.

Este desafio enfrentado pela sociologia brasileira foi particularmente agudo no campo dos estudos culturais, uma vez que

2 Roger Bastide, *Arte e Sociedade*, 2ª edição, São Paulo, Nacional, 1971, p. 32.

3 Idem, *ibidem*, p. 33.

4 Cf. Norbert Elias, *Mozart. Sociologia de um Gênio*, trad. port., Rio de Janeiro, Zahar, 1995; Pierre Bourdieu, *Les Règles de l'Art*, Paris, Seuil, 1992.

5 Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*, São Paulo, Nacional, 1965, p. 8.

6 Cf. Sérgio Miceli, “Condições do Desenvolvimento das Ciências Sociais”, in Sérgio Miceli (org.), *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. I, São Paulo, Vértice, 1989, pp. 72-110; Sérgio Miceli, “O Cenário Institucional das Ciências Sociais no Brasil”, in *História das Ciências Sociais no Brasil*, vol. II, São Paulo, Sumaré, 1995, pp. 7-24.

tanto as “abordagens gerais” quanto as visões afirmadoras das concepções fragmentárias tentavam dar conta da “modernidade”, cuja problemática nucleia-se na questão cultural. Em outros termos, o tecido cultural emergente serviu, ao mesmo tempo, para revigorar a discussão que grassava no âmbito do pensamento clássico e para dirigir as novas linhas que então se constituíam. Se para um autor como Maffesoli é necessário criar “uma nova arte de pensar” (7), em Lyotard “*le savoir scientifique est une espèce du discours*” (8). O conhecimento transformado “numa espécie de discurso” implica o abandono das concepções de saber científico, passando a adquirir estatuto de linguagem. Para um autor como Jameson, no mundo atual ocorreu “uma expansão da cultura pelo reino social, a um ponto tal que *tudo* na vida social se torna cultural em algum sentido, ainda que tal sentido não tenha sido teorizado” (9). Se quisermos derivar a partir desse último exemplo, teremos que admitir que os contornos da sociologia da cultura, que antes eram fluidos em função da natureza do seu objeto, transbordaram, tornando difícil circunscrever, a partir daí, limites das outras especialidades. Sem avançar no desdobramento dessas questões – certamente, elas estão na base da ampliação das reflexões sociológicas sobre a cultura, além de inspirarem uma modalidade de pensar –, a culturalização de todas as dimensões da vida acaba por nublar o objeto da reflexão na área, ao ser diluído no movimento do conjunto.

Se essa dinâmica desenha um quadro que ultrapassa a realidade das ciências sociais no Brasil, as suas repercussões no nosso ambiente intelectual provocaram a reorientação de perspectivas analíticas, criando um tipo de reflexão no qual o universo da significação adquire relevância, mesmo em trabalhos cujos temas eram, no passado, ancorados numa outra tradição de pensamento (10). Isto é, as noções de representação, linguagem e imaginário passam a conferir o tom dominante, permitindo repensar grande parte do que foi produzido. A contrapartida desse movimento envolveu o deslocamento da categoria de estrutura social pela

noção de experiências, no plural, instaurando os elementos de singularidade, inclusive subjetivas, querendo dizer que aquelas são modos de representação, de linguagens, de imagens, enfatizando-se os aspectos criativos “da cultura, ou seja, as múltiplas formas que podem assumir seu funcionamento e seus efeitos. Ela deixa, assim, de estar amarrada à função de ‘representar’ alguma outra dimensão que a ela se oponha em termos de exterioridade” (11).

Esse movimento, que se espalha e se acentua nos anos 80, já matizava os estudos de sociologia das obras artísticas desde o pós-guerra, quando “passou-se pouco a pouco da arte considerada como uma forma de expressão à arte considerada como uma forma de linguagem” (12). O que se transformou, nesses termos, foram os procedimentos voltados ao tratamento do artístico que começaram a incursionar no campo da análise sobre a cultura operária, a popular, a massiva e mesmo aquela oriunda da atividade intelectual. Exemplos incontestáveis dessa inclinação são os textos sobre o imaginário que acabam mesmo por circunscrever uma área de pesquisa, na qual até o saber científico foi abrangido pela categoria (13). Evidentemente, se o desenvolvimento da concepção de linguagem, ou linguagens, associa-se ao sistema de signos tal como concebido por Saussure (14) e, posteriormente, pela semiologia, não se pode entender a sua difusão na sociologia sem revelar o quanto a disciplina abeberou-se das contribuições da antropologia cultural, processo similar ao ocorrido com a chamada “história das mentalidades”. Nessa linha de considerações, caberia indagar se os estudos sociológicos sobre a cultura, entre nós, mantiveram simples atitude de absorver orientações forâneas, ou se, contrariamente, puderam levar a efeito um diálogo enriquecedor com as contribuições externas, o que naturalmente recorta um outro universo de investigação. Uma reflexão que manifesta um diálogo com a semiologia foi realizada por Gabriel Cohn, em livro escrito no início dos anos 70, quando elaborou um balanço crítico da literatura sobre a comunicação

7 Michel Maffesoli, *O Conhecimento Comum. Compêndio de Sociologia Compreensiva*, trad. port., São Paulo, Brasiliense, 1988, p. 17.

8 Jean-François Lyotard, *La Condition Postmoderne. Rapport sur le Savoir*, Paris, Minuit, 1979, p. 11.

9 Gisela Black Taschner, “O Conceito de Pós-Modernidade na Reflexão Sociológica”, in *Revista USP*, nº 42, Dossiê Pós-Modernidade e Multiculturalismo, junho/julho/agosto de 1999, pp. 6-19.

10 São ilustrativos dessa tendência os estudos da sociologia do trabalho. Dois exemplos, tomados ao acaso, explicitam o que estamos dizendo: Guilherme Palacios, “Imaginário Social e Formação do Mercado de Trabalho. O Caso do Nordeste Açucareiro no Brasil no Século XIX”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 31, ano 11, junho de 1996; Cibele Saliba Rizek, “Palavras e Imagens. Representações dos Trabalhadores Petroquímicos Paulistas”, in *Revista Brasileira de Ciências Sociais*, nº 32, ano 11, outubro de 1996.

11 José Reginaldo Santos Gonçalves, “A Obsessão pela Cultura”, in Marcia Paiva e Maria Ester Moreira (orgs.), *Cultura. Substantivo Plural. Ciência Política, História, Filosofia, Antropologia, Artes, Literatura*, Rio de Janeiro, Editora 34, 1996, p. 168.

12 Roger Bastide, op. cit., p. 32.

13 Cf. Maria Armanda do Nascimento Arruda, “Mineiridade: Mito e Imaginário”, in *Mito e Símbolo na História de Portugal e do Brasil*, Cascais, Câmara Municipal de Cascais, 1988, vol. 3, pp. 149-73.

14 Cf. José Reginaldo Santos Gonçalves, op. cit., p. 161.

de massa, delimitando o campo próprio de reflexão desses estudos. A obra já anunciava uma perspectiva de tratamento dos fenômenos culturais que será característica nos anos subseqüentes: “Por essa via, retornamos ao ponto que, afinal, constitui o núcleo da argumentação desenvolvida nessa fase final do trabalho: o de que o domínio próprio para o exercício de uma sociologia da comunicação é o da análise da mensagem, e que é nesse nível que se concentram os problemas metodológicos e teóricos pertinentes ao tema” (15). Apesar de o sociólogo não pretender pensar as mensagens como estruturas discursivas autônomas, uma vez que elas são “tomadas enquanto componentes de sistemas ideológicos” (16), o argumento concentrava-se na noção de mensagem como teia de significações. Por esse motivo, esse texto encerra pressupostos característicos de movimentos futuros.

Exclusivamente a propósito de estabelecer diferenças de perspectivas construídas num recuo de vinte anos, pode-se perceber como o livro clássico de Antonio Candido sobre a cultura caipira articulava a questão diversamente: “Como se tratava de um agrupamento rural ligado a uma cultura cujo desenvolvimento histórico é conhecido, procurei situá-lo neste, tentando elaborar o panorama retrospectivo daquela cultura” (17). Isto é, a cultura caipira, produto de um modo de vida, esclarece-se no solo de uma história que lhe confere sentido. Na mesma linha de exemplificação, quase dez anos antes da afirmação programática de Gabriel Cohn, Florestan Fernandes, em *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, explicitava como a herança cultural escravista limitava a assimilação dos escravos, quer do ângulo das orientações valorativas das camadas dominantes, quer do lado da dificuldade dos libertos assumirem uma atitude ativa para submeter o “antigo regime”. A cultura emperrava a constituição de uma moderna civilização no país e era parte “do destino que se pretendia dar à ordem social competitiva e à sociedade de classes no Brasil” (18). Nos dois exemplos, a cultura é enten-

tida como expressão de contextos mais gerais e encontra-se articulada aos processos de modernização geral em curso.

Nunca é demais lembrar que a densa produção do Iseb atrelava a análise das questões da consciência nacional às necessidades do desenvolvimento (19). Contemporaneamente, na própria Universidade de São Paulo, já desde 1950, os textos iluminados de Lourival Gomes Machado, sobre o barroco mineiro, debruçam-se sobre o caráter particular da linguagem no Brasil, atentando para a análise interna a essa forma artística, a despeito do estabelecimento da relação entre o barroco e o absolutismo (20). Logo no início dos anos 60, Antonio Candido expunha o requisito fundamental da análise sociológica da literatura, voltada para a conexão entre “texto e contexto”, na qual o externo “importa, não como causa, nem como significado, mas como elemento que desempenha certo papel na constituição da estrutura, tornando, portanto, interno” (21). A consideração da forma adquire predominância sobre o texto, sublinhando o caráter imanente à interpretação das obras.

No percurso de uma sociologia da cultura que começava a se realizar segundo a perspectiva de análise da forma, ou das linguagens, surgiu, no final dos anos 70, um livro que anunciava uma tendência bastante experimentada nos dias que correm: *a sociologia da vida intelectual, ou história intelectual*. O texto de Sérgio Miceli, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)* (22), combina uma orientação explicativa e um recorte temático que se tornaram correntes. A primeira diz respeito ao entrelaçamento de diferentes dimensões: trajetórias intelectuais, posições de classe, Estado, política e processo de formação de um mercado de cultura; a segunda refere-se à análise do modernismo numa vertente inexplorada. Inspirado na sociologia de Pierre Bourdieu, Ringer e Gramsci, o livro foi pioneiro no modo de construir o problema de pesquisas e de analisar o tema, seguindo uma abordagem inusual para o momento. Nota-se o abandono da tradicional sociologia do conhecimento *à la*

15 Gabriel Cohn, *Sociologia da Comunicação. Teoria e Ideologia*, São Paulo, Pioneira, 1973.

16 Idem, *ibidem*, p. 162.

17 Antonio Candido, *Os Parceiros do Rio Bonito. Estudos sobre o Caipira Paulista e a Transformação dos seus Meios de Vida*, 6ª ed., São Paulo, Duas Cidades, 1982, p. 18.

18 Florestan Fernandes, *A Integração do Negro na Sociedade de Classes*, vol. I, São Paulo, Dominus, 1965, p. 18.

19 Cf. Caio Navarro Toledo, *Iseb: Fábrica de Ideologias*, São Paulo, Atica, 1977.

20 Cf. Lourival Gomes Machado, *Barroco Mineiro*, 3ª ed., São Paulo, Perspectiva, 1978, p. 83.

21 Antonio Candido, *Literatura e Sociedade*, op. cit., p. 4.

22 Sérgio Miceli, *Intelectuais e Classe Dirigente no Brasil (1920-1945)*, São Paulo, Difel, 1979.

Mannheim (23), substituída por uma reflexão que contextualiza os intelectuais a partir das suas inserções sociais particulares, recortando os conflitos, as disputas, as relações, as trajetórias, os problemas internos e externos ao seu mundo, mas que são a seiva produtora das idéias.

Esse veio interpretativo, oriundo da história intelectual, combinado aos temas anunciados, acabará por florescer na passagem dos anos 80 para os 90. Significativamente, no último decênio, a história intelectual tornou-se um exercício de auto-reflexão da sociologia, ainda que não de modo exclusivo (24). Passou-se a tratar de intelectuais, sociólogos ou não, inseridos em movimentos e instituições, criando uma espécie de reflexão sobre os caminhos da nossa modernidade cultural e intelectual. Assim, os estudos sobre o modernismo e os modernistas são expressivos de certas inclinações centradas no entendimento das novas dicções, da busca das origens do pensamento moderno, inclusive do acadêmico. Os temas sofrem um processo de pulverização – um autor, um movimento, uma geração –, apontando para a presença de certo ceticismo na postura que informa a construção da análise. Não se debate mais sobre a inexorabilidade da modernização cultural, ou sobre os seus eventuais empecilhos. Investiga-se a modernidade nas suas realizações particulares, postura coerente com atitudes que rompem as concepções universalizadoras, os estudos gerais, perseguindo singularidades, buscando significados especiais.

O livro de Lúcia Lippi de Oliveira sobre Guerreiro Ramos ilustra, nos domínios da sociologia, a análise de uma trajetória na qual se procura “mostrar as conexões entre contexto social, a produção de seus textos e a sua própria carreira” (25). A reflexão cruza, desse modo, a trajetória individual à geracional e essas à produção intelectual do sociólogo. O seu ambiente formativo, na Bahia dos anos 30, delineava-se num clima atravessado por idéias modernistas que conviviam com um tradicionalismo revigorado. Os impasses presentes na história brasileira do momento suscitava, de ou-

tro lado, o engajamento: militante do integralismo e profundamente influenciado pelo catolicismo do grupo *Espirit*, Guerreiro já delineia o seu perfil de intelectual missionário. A sua sociologia, posteriormente, estará embebida da noção de realidade brasileira, tanto do ponto de vista do seu objeto, quanto e, sobretudo, do ângulo teórico-metodológico. “Assim, a questão principal de Guerreiro é a formação de uma teoria da sociedade brasileira, e é esta questão que guia sua análise sobre os intelectuais brasileiros” (26). É na confluência de problemas de vária ordem que se pode entender a “sociologia profética” de Guerreiro Ramos, o caráter pedagógico da sua linguagem, de forte impacto no transcurso dos anos 50, momento de grande vigor das bandeiras desenvolvimentistas. A linguagem própria às obras de Guerreiro Ramos e a sua atuação pública não se explicitam, segundo a autora, se se abandona a interconexão entre a biografia, a vida intelectual – da sua geração e daquela com a qual conviveu –, as questões sociais e políticas. Os seus embates e reflexões irromperam na encruzilhada desses condicionamentos.

O livro de Heloísa Pontes traz excelente análise de sociologia da vida intelectual, elaborada a partir de um grupo geracional de universitários da Faculdade de Filosofia da USP – o Grupo Clima –, cujos trabalhos exprimiram uma continuidade e, simultaneamente, uma ruptura com as idéias do modernismo em São Paulo. “Situados entre os literatos, os modernistas, os jornalistas polígrafos e os cientistas sociais, construíram seu espaço de atuação por meio da crítica, exercida em moldes ensaísticos mas pautada por preocupações e critérios acadêmicos de avaliação” (27). O caráter “misto dos seus destinos” revela as ambigüidades da cena cultural brasileira nos períodos 40 e 50. A cientista social focaliza “o círculo de juventude desses autores, a partir da recuperação da experiência cultural, social, intelectual, política e institucional de seus membros mais importantes” (28). Absorvendo as reflexões de Raymond Williams sobre Bloomsbury Group, a autora rejeita uma posição analítica exclusivamente in-

23 Cf. Karl Mannheim, *Ideologia e Utopia*, trad. port., Rio de Janeiro, Zahar, 1968, esp. pp. 286 a 330.

24 O excelente livro de Maria Alice Rezende de Carvalho exemplifica o caráter não exclusivo dessa tendência. *O Quinto Século. André Rebouças e a Construção do Brasil*, Rio de Janeiro, Revan, 1998. Igualmente, o livro de Ronaldo Conde Aguiar traz uma análise densa e matizada de Manoel Bomfim. *O Rebelde Esquecido. Tempo, Vida e Obra de Manoel Bomfim*, Rio de Janeiro, Topbooks/Anpocs, 2000.

25 Lúcia Lippi de Oliveira, *A Sociologia do Guerreiro*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1995, p. 9.

26 *Idem*, *ibidem*, p. 119.

27 Heloísa Pontes, *Destinos Mistos. Os Críticos do Grupo Clima em São Paulo (1940-1968)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1998, p. 14.

28 *Idem*, *ibidem*, p. 14.

terna ao grupo, representada no tratamento dos debates como se fossem puras contendas intelectuais; e externas, quando se os reduz a expressões de coletividades abstratas. O social é filtrado pela via da constituição de processos de sociabilidade particulares, primorosamente revelados, de acordo com a noção eliasiana de configuração.

A preocupação com os círculos intelectuais e a linguagem modernista aprofunda-se no livro de Helena Bomeny sobre a geração dos mineiros, inserida no ambiente de Belo Horizonte dos anos 20, tendo como figura mais notável Carlos Drummond de Andrade. Trabalhando no encontro de matrizes diversas do modernismo, o mineiro e o paulista, a socióloga estabelece o diálogo entre as duas vertentes: “Os Andrades, Mário e Carlos Drummond, traduzem em suas respectivas convicções duas versões de se pensar a sociedade moderna... Drummond é quem estimula em Mário de Andrade a reflexão sobre seus próprios lugares... no campo do pensamento moderno. O diálogo com Mário de Andrade deixa impressas as marcas que fazem de Drummond figura emblemática de representação de um certo tipo de formulação intelectual” (29).

O exame do modernismo nas artes ganha, no livro de Sérgio Miceli, matizes particulares, pois, através da produção retratística, pretende-se revelar, conjuntamente, formas de relação entre setores da classe dominante, intelectuais e artistas, envolvidos com a afirmação de autonomia própria à criação. Os retratos são “o fruto de uma complexa negociação entre o artista e o retratado, ambos imersos nas circunstâncias em que se processou a fatura da obra...” (30). Preserva-se o referencial sociológico de análise, na consideração das soluções de natureza pictórica. “Esse duplo movimento de integração em sentidos complementares se empenhou em recuperar o processo de fatura do retrato no contexto de uma dada cultura visual e, ao mesmo tempo, em captar as energias liberadas pelos clientes em domínios estratégicos de sua prática social” (31).

Possivelmente o texto paradigmático

de exploração da linguagem, na sua expressão mais acabada, seja o livro do historiador Nicolau Sevcenko sobre a cidade de São Paulo nos anos 30. O autor persegue a sincronia entre a fluidez das múltiplas linguagens que ocupam os ares da metrópole e a forma fragmentada de tratá-las. “Daí que, para poder pronunciar o ineditismo dessa experiência crucial representada pelas metrópoles tecnológicas, era preciso forjar outra dicção: fluida, pontual, plástica, descontínua, multifária” (32). O perspectivismo guia os caminhos da reflexão, quando o historiador perscruta múltiplas formas reveladoras do moderno, caminhando na direção de uma hermenêutica das linguagens.

Na seara das ciências sociais, a reflexão de Ricardo Benzaquen Araújo sobre a obra de Gilberto Freyre nos anos 30 possui, apesar de recente, todos os atributos de uma obra indelével. É interessante perceber como o autor se deixou seduzir pelo tema: “A questão que fez com que eu seguisse esse caminho diz respeito, acima de tudo, ao meu interesse em examinar as relações que podem ser estabelecidas entre as ciências sociais, amplamente definidas, e as propostas modernistas, ainda bastante influentes no período” (33). Nessa passagem, esclarecem-se as conexões entre as ciências sociais e as experiências modernistas, as quais, aliás, são expostas de modo declarado pelo autor. A construção do livro faz-se de maneira a tecer em conjunto a própria compreensão do intelectual estudado, as visões que se formaram a respeito dele, representadas por seus críticos, os diálogos estabelecidos, o estilo da narrativa presente nos seus textos, mais próximo da oralidade – o caráter inacabado da reflexão do sociólogo pernambucano, chamando atenção para como esse todo produz uma visão da nossa cultura que se pode conhecer por meio da produção de Gilberto Freyre.

O próprio Benzaquen fia a sua narrativa no compasso da discursividade do seu autor, pois ao término da sua análise o círculo não se fecha, pois as idéias são remetidas ao início, como se se retomasse uma conversa. Ou como se estabelecesse uma con-

29 Helena Bomeny, *Guardiães da Razão. Modernistas Mineiros*, Rio de Janeiro, UFRJ, 1994, pp. 26-7.

30 Sérgio Miceli, *Imagens Negociadas. Retratos da Elite Brasileira (1920-1940)*, São Paulo, Companhia das Letras, 1996, p. 18.

31 Idem, *ibidem*, p. 142.

32 Nicolau Sevcenko, *Orfeu Extático na Metrópole. São Paulo Sociedade e Cultura nos Fermentes Anos 20*, São Paulo, Companhia das Letras, 1992, p. 19.

33 Ricardo Benzaquen Araújo, *Guerra e Paz. Casa Grande e Senzala e a Obra de Gilberto Freyre nos Anos 30*, Rio de Janeiro, Escuta, 1994, p. 19. Os chamados intérpretes do Brasil têm sido objeto de vários estudos. Sobre Gilberto Freyre há, entre outros, o excelente trabalho de Élide Rugai Bastos: *Gilberto Freyre e a Formação da Sociologia Brasileira*, tese de doutoramento, PUC-SP, São Paulo, 1986; sobre Caio Prado Jr., o livro de Rubem Murilo Leão Rêgo, *Sentimento do Brasil. Caio Prado Júnior – Continuidades e Mudanças no Desenvolvimento da Sociedade Brasileira* (Campinas, Unicamp, 2000), apresenta amplo e matizado estudo sobre o autor. Dois livros recentes analisaram a obra de Sérgio Buarque de Holanda, a partir de uma perspectiva renovada: Pedro Meira Monteiro, *A Queda do Aventuroso. Aventura, Cordialidade e os Novos Tempos em Raízes do Brasil*, Campinas, Unicamp, 1999; Robert Wegner, *A Conquista do Oeste. A Fronteira na Obra de Sérgio Buarque de Holanda*, Belo Horizonte, UFMG, 2000.

fluência entre a narrativa estudada e aquela que a revela, como ambas, por sua vez, são auto-esclarecedoras. Assim, se o estilo cognitivo de Gilberto Freyre cola-se ao estilo da exposição, “a oralidade é não só uma marca distintiva da redação de CGS mas também um dos objetos que ele discute” (34). Na compreensão posta em andamento por Benzaquen ocorre reciprocidade entre o modo como ele conhece as primeiras obras do sociólogo pernambucano e o jeito como este experimenta e expressa os significados de uma cultura da qual é parte integrante. Nesse compasso, a análise de Gilberto Freyre constrói-se revelando um mundo social habitado por significações, mas que também ocupam o próprio redator da obra e, ao mesmo tempo, essas mesmas linguagens articulam a visão daquela história repleta de ambigüidades, de tensões, mas de confraternizações, de antagonismos em equilíbrio (35). Daí, essas características de “inacabamento”, de “repetição”, de “imprecisão”, “da defesa simultânea de argumentos que se opõem” (36), a povoarem os escritos de Gilberto nos anos 30 e que se manifestam na forma da exposição. O próprio Ricardo Benzaquen encerra o seu livro aludindo a uma impressão e não a um argumento conclusivo: “Na verdade, minha impressão é a de que é fundamentalmente por esse motivo que esses livros, ao contrário dos que lidam com outras tradições em geral de forma mais condescendente e até idealizada, permanecem vivos e em condições de despertar interesse e debate em nossos dias” (37). O modo de finalizar é também um modo de não fechar, deixando no leitor um sabor de história inacabada, provocando uma vontade de voltar ao mesmo assunto, de ouvir mais, como sempre acontece no contato com narrativas desafiadas.

Se o inacabamento do texto freyriano significa a busca de alternativas frente a versões baseadas na razão e no progresso que nos integraria na civilização, a abertura da análise de Benzaquen lança-nos em direção às perspectivas céticas sobre interpretações acabadas. Por esse motivo, ao realizar uma hermenêutica dos textos,

Ricardo Benzaquen estabelece uma estratégia discursiva em direção a uma perspectiva dialógica.

Na vertente dos diálogos estabelecidos entre intelectuais como condição de construção das idéias, o livro de Fernanda Arêas Peixoto aprofunda e expande a exploração dessa possibilidade de reflexão (38). A vasta produção intelectual do sociólogo Roger Bastide é recuperada na relação que se forja com pensadores decisivos do nosso ambiente cultural. A interlocução com Mário de Andrade, Gilberto Freyre e Florestan Fernandes, figuras basilares do pensamento brasileiro, esclarece o quanto Bastide abeberou-se nessas fontes, no andamento da sua viva criação sobre o Brasil. Essas três matrizes fundamentais permitem, segundo a autora, recuperar a visão plástica de Bastide sobre o país, expondo a sua capacidade de absorver a experiência penetrante dos trópicos. Ao acoplar o seu olhar ao do sociólogo analisado, a autora estabelece um cenário coerente com a mobilidade e diversidade da obra estudada, tornando a sua análise tributária de correntes que privilegiam o universo discursivo, no ângulo da sua expressividade internamente articulada. Por essa razão, o livro não trabalha uma noção de contexto assentada em concepções de condicionamentos histórico-sociais das idéias, pois estas só ganham força e sentido na relação que estabelecem com outras, tecendo fios que se destacam no conjunto da trama.

A experiência social apreendida no registro da produção cultural explicita o privilegiamento das dimensões das linguagens nos estudos em consideração, assumidas como domínio em si, detentoras de princípios auto-expressivos. A exploração das linguagens configura, hoje, um dos veios mais significativos das reflexões desenvolvidas na área da sociologia da cultura no Brasil nos anos recentes, cuja orientação aponta para a construção de um campo de análise delimitado, naturalmente como resultado do adensamento das obras, sobretudo como possibilidade compreensiva que tem rendido frutos e suscitado debates.

34 Ricardo Benzaquen Araújo, *op. cit.*, p. 186.

35 *Idem*, *ibidem*, cf. pp. 58, 72, 73.

36 *Idem*, *ibidem*, pp. 185 e 208, respectivamente.

37 *Idem*, *ibidem*, p. 208.

38 Fernanda Arêas Peixoto, *Diálogos Brasileiros. Uma Análise da Obra de Roger Bastide*, São Paulo, Edusp, 2000.